

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

FABIANA PEREIRA BORGES

A QUESTÃO DA MULHER EM ROSA LUXEMBURGO

URUAÇU - GO
2017

FABIANA PEREIRA BORGES

A QUESTÃO DA MULHER EM ROSA LUXEMBURGO

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás – Campus Uruaçu, ao Curso de Licenciatura Plena em História como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, sob orientação do professor Edmilson Marques.

URUAÇU - GO

2017

A QUESTÃO DA MULHER EM ROSA LUXEMBURGO

FABIANA PEREIRA BORGES

Monografia apresentada dia _____ de dezembro de 2017 formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Edmilson Marques
Orientador

Leitor (a)

Leitor (a)

URUAÇU – GO
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder a oportunidade e o conhecimento para cursar estes cinco anos da graduação.

A minha mãe e ao meu filho minha real força de continuar estudando, de cursar uma faculdade. Deixo a ele a convicção que é por meio do estudo que alcançamos nossos sonhos e concluímos nossos objetivos. Agradeço pela sua pureza que muitas vezes me alegrou e acalmou quando situações difíceis apareceram.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Edmilson por aceitar meu projeto, pelo apoio que me concedeu, pelas orientações passadas, sempre acreditando no meu potencial. Sem a ajuda desse grande professor, hoje eu não estaria concluindo esta fase da minha vida.

Aos meus arguidores, por aceitarem fazer parte da minha banca de avaliação. A todos os meus amigos de sala de aula, com quem eu construí uma amizade sólida e sincera nesses cinco anos.

“Nós alcançaremos o poder para concretizar uma ordem social que seja digna da humanidade. Uma sociedade que evite a exploração do homem pelo homem. Que condene o genocídio. Uma sociedade que torne reais os ideais ”.

(Rosa Luxemburgo)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – IDEOLOGIA E TEORIA.....	9
1.1 Ideologia.....	9
1.2 Teoria.....	12
1.3 Ideologia em ação.....	14
CAPÍTULO II - ROSA LUXEMBURGO -A ROSA VERMELHA SOCIALISTA	17
2.1. Trajetórias política de rosa Luxemburgo.....	17
2.2 A condição social da mulher operária.....	21
2.3 A questão da mulher.....	24
CAPÍTULO III – A MULHER NOS TEXTOS DE ROSA LUXEMBURGO	27
3.1- DIREITO DE VOTO DAS MULHERES E LUTA DE CLASSES	27
3.2. A proletária.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem tratar de uma questão bastante urgente, um tema que gera diversas interpretações e por vezes polêmicas, a questão da mulher. O recorte que vamos analisar é a figura de uma mulher revolucionária e de grande importância na história, Rosa Luxemburgo.

Luxemburgo deixou sua marca na virada do século XIX para o XX. Ela foi uma figura como poucas, reconhecida pela sua extraordinária coragem. Viveu momentos de grande importância na História, tais como a Primeira Grande Guerra, ou Primeira Guerra Mundial, 1914 - 1918; somado as suas inquietações com as de grandes ideólogos e suas organizações partidárias.

Rosa Luxemburgo foi uma combatente de primeira hora na luta contra o capitalismo (LOUREIRO, p. 14). Nasceu em 05 de março de 1871 na Polônia, descendente de judeus de classe média tornando-se filósofa e economista marxista, defendia uma política antimilitarista e revolucionária.



Nome em polaco é *Róża Luksemburg* e em alemão *Rosa Luxemburg*

A imagem de Rosa Luxemburgo viria a refletir fortemente entre o meio proletário já que se fazia porta voz da classe trabalhadora. Esteve ligada à Social-Democracia da Polônia (SDKP) e posteriormente ao partido Social-Democrata da Alemanha (PSD). Foi uma das fundadoras da liga Espartaquista. E mais tarde aderiu ao Partido Social-Democrata Independente da Alemanha. Sua vida findaria em 15 de janeiro de 1919, quando a burguesia e os generais alemães já haviam decretado a sua sentença. Rosa é jogada nas águas frias do canal Landwehr (LOUREIRO, p. 14). Porém a história que essa mulher ajudou a construir se manteria viva na consciência dos trabalhadores avançados do mundo, nas palavras de Isabel Maria Loureiro. Ao longo do trabalho será essa personalidade que iremos conhecer melhor.

Baseando-se nestas questões, levantamos o seguinte problema: como apresentar a concepção de Rosa Luxemburgo sobre a questão da mulher? Tudo indica que ela tenha sido uma teórica exemplar visto que a questão da ideologia (assunto que será abordado mais adiante) é uma falsa consciência sistemática (VIANA. 2010). A realidade só pode ser exemplificada verdadeiramente partindo de uma perspectiva materialista. O homem é a raiz do próprio homem como disse Marx, e este vive ou deveria viver em harmonia com o todo, pois é parte da natureza e não sobrevive separado dela como quer a sociedade capitalista.

O presente trabalho é importante porque vem tratar da situação de uma mulher na sociedade e a partir de uma análise da mesma comparar com a realidade vivida pelo sexo feminino. Primeiramente passaremos pelo discurso ideológico do gênero e desnudaremos as ideologias que mascaram o verdadeiro potencial feminino. Espera-se que avancemos na direção de uma compreensão do papel da mulher e possamos descortinar as mentiras propagadas pela ideologia dominante que ofusca o que de fato é importante.

O assunto será abordado em uma perspectiva marxista, partindo da concepção de que o método materialismo histórico é o que explica e dá sentido à realidade.

No primeiro capítulo será abordado o conceito de ideologia e teoria. Para poder compreender algumas perspectivas a respeito do conceito e da sua construção ideológica, diferenciando ideologia de teoria. No segundo capítulo será dedicado um tópico à discussão biográfica de Rosa Luxemburgo referente a sua trajetória política e um segundo tópico demonstrando como ela concebia a questão da mulher. No terceiro capítulo do trabalho, serão analisados escritos da autora que foram apontados no capítulo anterior, para entendermos como ela concebia a mulher, principalmente a proletária.

CAPÍTULO I

IDEOLOGIA E TEORIA

1.1. IDEOLOGIA

Esse primeiro capítulo se compromete a tratar do conceito de ideologia, bem como separá-lo do conceito de teoria. Poderíamos imaginar que, em uma sociedade que gosta de se auto enganar, o homem em busca da ilusão, seria um modelo de natureza nada racional, visto que há sentido para tudo que ele faz. Então mesmo que imaginemos essa sociedade vã e ilusória ela é uma construção nada sustentável, ou seja, com bases falsas, e assim se constroem ideologias.

Para se chegar a uma compreensão real da sociedade é indispensável tomá-la pelo todo, entende-la como conjunto sistematicamente formado que compreende partes e se justifica no geral. A sociedade é constituída de cima para baixo, imaginemos uma pirâmide e na base dessa pirâmide se encontra o povo, a chamada classe operária que sustenta o restante da mesma. Para que a sociedade continue funcionando como querem os que estão no topo dessa construção, será necessário buscar formas de legitimar algumas ideias e, com o tempo, reorganizar essas mesmas ideias, ou seja, as ideologias.

Porquanto, acaba surgindo alguns problemas, porque a tendência dominante é isolar partes e “remediar” de uma maneira que não resolve as complicações, pelo contrário, vira uma “bola de neve”, criando mais problemas. O ser humano é portador de necessidades básicas, em toda a história foi assim, o que movimenta a história é a busca pelo preenchimento de tais necessidades humanas (VIANA, 2010). Este interage com o ambiente relacionando com o seu semelhante e mantendo intrínseca conexão com o todo. O homem não pode ser separado da natureza, pois este é natureza, se se coloca a viver isolado como bem quer a sociedade atual começarão a surgir problemas, aprofundaremos melhor essa questão adiante.

O conceito de Ideologia apareceu com Destutt de Tracy no século XIX e a palavra remonta a época do iluminismo. De Tracy buscava criar uma nova ciência das ideias. Ideologia, como tal sugere a sua etimologia, é a ciência das ideias. (VIANA, 2010, p. 18). O conceito como veremos a seguir muda em Napoleão Bonaparte e posteriormente com Marx que o aprofunda e este passa a ser visto de

maneira pejorativa. Terry Eagleton pontua: Ninguém gostaria de afirmar que seu próprio pensamento é ideológico (TERRY, 1997, p. 16). E podemos perceber mediante essa declaração:

O sentido pejorativo dos termos 'ideologia' e 'ideólogo' veio de uma declaração de Napoleão que, num discurso ao conselho de Estado em 1812, declarou: 'Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer afundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história'. (TERRY, 1997, p. 16)

Posteriormente Karl Marx aplica críticas radicais à ideologia alemã, e aos chamados ideólogos e juntamente com Friedrich Engels aprofunda o conceito de ideologia. Marx retoma a concepção napoleônica: "o ideólogo é aquele que inverte as relações entre as ideias e o real" (CHAUÍ, 1980, p. 77), mas o aprofunda e lhe dá um significado teórico (VIANA, 2010. P. 19).

Surgiram a partir de então outros teóricos procurando interpretar o conceito de ideologia, porém não ultrapassam a perspectiva marxista.

A ideologia é, portanto, uma falsa consciência sistemática da realidade (VIANA, 2006. apud). Ela surge com o processo de divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, tal como colocou Marx e Engels (1991 apud). É quando surgem os intelectuais enquanto grupo social especializado, é que nasce a ideologia [...] O ideólogo, livre do trabalho manual, pode pensar que as ideias são autônomas, independentes de sua base real, concreta, social. E, assim, o especialista no trabalho intelectual, o ideólogo, pode se lançar ao mundo das ideias e constituir um edifício gigantesco que é de difícil acesso para aqueles que não possuem tempo para se dedicar a estudos e pesquisas e compreender o discurso ideológico. [...] Os ideólogos, porém, estão intimamente ligados à classe dominante, pois a sua sobrevivência material é dependente dos recursos doados por esta e retirada da extração de mais-trabalho das classes exploradas (VIANA, 2006 apud). (VIANA, 2010, p. 27).

Na citação acima podemos perceber as seguintes questões: primeiramente que as linguagens são também uma maneira pela qual é possível promover a coerção e a alienação social. Segundo, a sociedade divide as formas de trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual. Os trabalhadores, que ficam na base da pirâmide social geralmente não dispõem de tempo para reformular ideias, ficando responsáveis pelos trabalhos manuais, gerando riquezas para quem controla a massa. As demais classes: burguesa, intelectual, burocrática, os burocratas têm um

papel de zelar pela “ordem” manter o bom funcionamento das coisas. Os ideólogos ajudam a manter a estrutura por sua vez afim de manter a sua sobrevivência como conferimos nas palavras de Viana e a burguesia é a principal responsável pela estrutura da sociedade de classe.

Marx concebe a história como um conhecimento dialético e materialista da realidade social (CHAUÍ, 1980, p. 83) onde existem lutas de interesses contrários, lutas de classes. Além de que do ponto de vista positivista a ciência tem que ser neutra, mas como isolar objeto se a natureza é interligada? Logo, o positivismo é uma construção ideológica que resultará ou cairá em algum vazio. O que isso quer dizer? Voltando na concepção marxista: Ideologia é uma falsa consciência onde as pessoas acabam embarcando, pois vivem uma dada realidade dentro de um sistema de organização à sombra de ideologias sistematizadas. Ideologias geralmente são místicas ou questionáveis, caem no “disse-me-disse”, mas também carrega parte de verdade, não teria como ser apenas mentira, porque não seria aplicável e enquanto o positivismo procura isolar as questões e estuda-las a perspectiva marxista parte do geral para compreender as partes procurando detectar as falsas concepções.

Nildo Viana (2010), trabalha o conceito de ideologia tomado por falsa consciência sistemática da realidade em uma ótica materialista. Do ponto de vista positivista ideologia é sinônimo de teoria, seria uma organização sistemática dos conhecimentos científicos (Chauí, 1980). Mas quem organizaria tais ciências? Os habilidosos, em Comte só há progresso se houver ordem e se esta estiver a mercê da teoria, ou seja, à ciência. Uma ciência organizada pelas intuições que governa a sociedade, é um jogo de “capacitação” aquele melhor capacitado sobressai, promovendo e legitimando sempre a hierarquização social. Dito isso, teoria teria a cara de seus produtores. Voltearemos adiante a falar do conceito de teoria.

O conceito de ideologia é geralmente amplo e vago, pode ser usado quando há competição entre grupos de ideias e a disputa entre quais são as mais corretas. Pode implicar também que pessoas estejam emocionalmente apegadas a elas, elas querem que aquilo seja verdade, não se preocupando com a real verdade. Ideologia frequentemente adota alguma teoria para se sustentar, mas podem ser vagas sem teoria e as pessoas adotam e seguem. Uma ideia falsa pode gerar uma prática eficaz e isso ocorre em milhares de caso no mundo da ciência (VIANA, 2010, p. 34). Nildo Viana diz que a ideologia pode conter partes de verdade como já comentado,

ela não é totalmente falsa: oculta e ao mesmo tempo revela a realidade, mas em sua essência e totalidade constitui uma consciência falsa dela (2010. 38).

Podemos usar o exemplo de instituições religiosas, que se sustentam em ideologias para manter um todo coerente, a igreja sobrevive mesmo em meio a ciência nessa sociedade de classe, mas não sem interesse por trás. No caso da mulher, veremos exemplos de ideologias que procuram conservar um lugar de inferioridade a ela. Esse local de inferioridade que fica relegado à mulher é um problema dessa atual sociedade que luta para reproduzir capital o tempo todo, sua reprodução é o objetivo máximo.

As instituições tais como igreja, Estado, corporações tem o intuito de conservar essa realidade, que se juntam num todo homogêneo extraíndo mais valor do trabalho dos operários como é o caso da burguesia que com o auxílio da igreja legitimam falsas ideologias. Todos aqueles que contribuem para a manutenção e opressão da classe trabalhadora tal como é o caso dos burocratas, intelectuais e outros, ajudam a manter o funcionamento da produção capitalista a todo vapor, legitimando o lucro e naturalizando questões que não passam de fruto de uma organização estruturada pela cultura.

A classe dominante produz um discurso e o restante da massa passa a segui-lo, mesmo que vá contra os seus reais interesses, tantas vezes ignorantes no assunto por diversas razões. Os partidos políticos embora sustentem discursos de melhoria social se vê impossibilitado de fazer valer suas palavras, pois esses se tornam parte de um corpo desigual e vulgar. Surgem os movimentos sociais, que por vezes se sustentam em teorias infundadas mais reafirmando os conflitos desiguais do que desembaraçando e proporcionar uma sociedade livre da opressão.

1.2. TEORIA

Vimos no tópico anterior que ideologia se refere a uma falsa consciência sistematizada, e que seu principal papel é inverter a realidade, coloca-la de cabeça para baixo. Se a ideologia é uma falsa consciência, torna-se necessário discutir o seu contrário, ou seja, a consciência correta da realidade. Para esta segunda questão é que se faz necessário discutir a teoria.

Teoria é um conceito pautado em formal, de ciência e filosofia, é um conjunto de postulados e princípios e suas consequências. São formalizações de alguma ideia sobre o mundo, procurando sistematizar ideias correspondentes a realidade. A

Teoria precisa ser comprovada para se tornar um conhecimento válido. Considera-se que a teoria requeira partido do concreto, se não se torna meramente uma especulação. Ela também pode ser vaga se não comprovada, e neste caso, deixa de ter teoria e passa a converter em ideologia. A Teoria precisa partir da análise do concreto, como dito, ao contrário da ideologia que muitas se baseiam em pressupostos falsos, raciocínios incorretos. Muitas ideias que as ideologias adotam para se sustentar são falsas e isso não impede que as pessoas continuem a usá-las e difundi-las mesmo sendo mentiras adotadas como verdades. A teoria, portanto, é uma forma de descrever um aspecto do mundo, elas dizem respeito a construção do conhecimento.

Poderíamos chamar uma teoria de ideologia? Se uma teoria começa a ser usada politicamente ela pode ser convertida em uma ideologia pois esta diz respeito a sociedade, a cultura, a política. Quando as pessoas pegam uma teoria e dizem que ela é a descrição verdadeira das coisas isso é um posicionamento social, são propostas em contextos históricos específicos nos quais elas pareciam explicações plausíveis. O modo como as pessoas usam aquelas ideias escapam a teoria.

E qual a diferença entre teoria e ideologia? Teoria é um conhecimento sistematizado da realidade puramente racional e que pode ser verificado na prática e uma de suas funções é proporcionar uma leitura da sociedade livre de suas amarras, e ideologia conferimos nas páginas anteriores.

Korsch (1977) já havia demonstrando que a teoria tem no proletariado a sua expressão. Este pensador considera que a teoria é a articulação do pensamento do proletariado revolucionário. Este aspecto dá à teoria a sua materialização na luta travada em determinados períodos históricos do capitalismo. O objetivo da teoria, nesse sentido, converte na luta cultural, em revelar o lado falso das ideologias. A teoria é articulada pelos representantes do proletariado no campo da produção de ideias. A estes indivíduos, cabe a tarefa de aprofundar, avançar e articular os momentos em que a radicalização da luta torna-se uma realidade.

Com este processo, a teoria se torna, concomitantemente, na luta do proletariado no campo da cultura. Não se torna algo pautado por neutralidade, pelo contrário, expressa os interesses da classe proletária e com a finalidade de contribuir para suprimir as relações de exploração existentes nas bases da sociedade capitalista.

Esta discussão vai nos possibilitar uma análise do pensamento de Rosa Luxemburgo, no sentido de verificar se a sua concepção a respeito da mulher, pode ser considerada uma teoria ou pode ser considerada uma ideologia.

1.3. IDEOLOGIA EM AÇÃO

Cultura é construída e não natural. Nesse ponto retomamos a questão dos movimentos sociais que surgem no seio da sociedade capitalista, esta quando aponta dificuldades de fazer reproduzir seu bem valioso, o capital, procura fazer surgir outros meios de continuar funcionando. As questões de gênero, por exemplo, é um termo novo na história e segundo a concepção marxista é um construto e não um conceito, uma expressão deformada da realidade, segundo Nildo Viana (1997 apud). Não é um conceito pois para ser um conceito deveria possuir concentricidade:

Uma categoria é um recurso mental sem existência na realidade concreta enquanto que um conceito é expressão da realidade, portanto, possui concentricidade. A expressão gênero, tal como relação, causa, efeito espaço, direita, esquerda, etc., se enquadra no primeiro tipo e para passar para o segundo tipo tem que ter um acréscimo de algo real, concreto. (Viana, 1997 apud).

Pensar o ser humano é pensa-lo em sua natureza tal como ela é, e os sexos são portadores de diferenças inegáveis, mas, não são diferenças de valores. Começemos a pensar o corpo, a anatomia do homem e da mulher, a natureza do sexo feminino é claramente diferente da natureza do sexo masculino, embora os seus construtos sejam atribuídos pela cultura, que lhe emprega valoração.

Voltemos ao construto de gênero:

O construto de gênero é uma unidade de um discurso ideológico. Esse discurso ideológico ou realiza um isolamento fantástico das relações entre os sexos ou então toma tais relações como fundadoras do social, ou, como dizem, do poder ou o poder concebido metafisicamente passa a explicar tais relações (VIANA, 2006, p. 51).

A preocupação com o gênero é recente na história. Com o surgimento do pós-estruturalismo, a ideologia de gênero veio ganhando fôlego sistemático no final do século XX. Essa ideologia é produto do neoliberalismo e contraria a visão marxista de mundo.

Alguns pós-estruturalistas, ao negarem a totalidade, passam a realizar abordagens puramente descritivas (despolitização) de

elementos cotidianos e outros fazem referência ao poder mas tão-somente na escala cotidiana, isolando as relações de poder em determinado lugar ou relação social e após este isolamento apresenta as lutas isoladas e faz o seu elogio, recusando toda forma de articulação e ampliação da luta. [...] criam um conjunto de construtos a-históricos e isolados, como a dita “relação de gênero”, e abordam alguns fenômenos sociais criando um pequeno mundo reificado que faz referência à cultura e ao poder (VIANA, 2006, p. 54).

O que o pós-estruturalismo almeja é apropriar dos movimentos contestadores das décadas de contracultura para fazer perder o caráter politizado e fazer virar consumo de mercado, vemos isso nos casos dos punks, hippies, etc. Aquilo que sustentava um caráter ameaçador ao sistema passa a ter valor de venda e de troca, “trocando em miúdos” o capitalismo proporciona uma mutação de si.

Nesse aspecto é importante retomar o conceito em Marx de ideologia e perceber o que ofusca a realidade, o que contribui para permanência dos nós que fazem tardar a revolução social, o desmanche dessa sociedade que oprime uma camada em prol de uma minoria, fazer cessar a repressão das necessidades básicas que tantos seres humanos passam no seio desse sistema, a repressão que é vivida por muitos e produz doenças como bem coloca a psicanálise, ciência desenvolvida por Freud no século XX, que produz sonhos e ilusões, os problemas psíquicos não possuem sua origem no cérebro e sim na mente (VIANA, 2010, p. 98).

Os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia (CHAUÍ, 1980, p. 74).

É comum observamos pessoas defenderem pontos de vistas que não são próprios de sua classe, e sustentam ideologias que justamente por serem ideologias não condizem com suas condições. Um grupo de pessoas defendendo que o padrão de mulher ideal é um padrão “x” com bases infundadas. Mulheres que buscam uma beleza midiática que é imposta por um padrão dominante e ao mesmo tempo que massacra a pessoa que almeja alcançar esse padrão. Modelo de figura feminina “bela, recatada e do lar” que foi imposto por uma sociedade governadas mediante um modelo ideológico.

A mulher sofre opressão maior que o homem na atual conjuntura social mediante requerimento do capitalismo, nos demais capítulos esperamos dedicar uma atenção especial à figura feminina, na segunda parte analisaremos algumas obras de Rosa Luxemburgo, grande figura feminina na história, conheceremos um pouco de sua vida e por último voltaremos a tratar do assunto teoria e ideologia na figura dessa pessoa.

CAPITULO II

ROSA LUXEMBURGO – A ROSA VERMELHA SOCIALISTA

2.1. TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ROSA LUXEMBURGO

Rosa Luxemburgo nasceu em 5 de março de 1871 em uma pequena cidade da Polônia chamada Zamosc, é a mais nova de cinco filhos. De origem judia, a família tinha uma admiração pela cultura alemã. Desde pequena Rosa já falava o alemão e mais outros dois idiomas, o polonês e o russo. Em 1873, Rosa e sua família mudam-se para Varsóvia devido a problemas financeiros. Anos mais tarde, inicia seus estudos em um liceu russo para moças. Em 1887, começa a participar do movimento operário polonês, ilegal, que desencadeia uma perseguição política fazendo com que se refugie na Suíça.

Rosa Luxemburgo frequentou a Universidade de Zurique de 1889 a 1897 onde estudou Ciências Naturais, Matemática, Direito e Economia Política. Nesse período, Segundo Loureiro (2011), Rosa conheceu Leo Jogiches¹, um jovem revolucionário de Vilna e mestre político na juventude. Os dois desencadearam um romance que durou por cerca de quinze anos entre idas e vindas, porém no campo das relações políticas a contribuição se estende por toda a suas vidas.

Aos vinte e dois anos, Rosa Luxemburgo juntamente com Jogiches e alguns socialistas poloneses fundam a Social-Democracia do Reino da Polônia (SDKP), que mais tarde é rebatizada de Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL). O pequeno partido decide editar um jornal polonês em Paris, SpravaRobotnicza (Causa Operária). Rosa ficou encarregada praticamente sozinha da redação do jornal, estabelecendo em Paris de 1894 a 1896. Um ano mais tarde defende sua tese de doutorado sobre o desenvolvimento industrial na Polônia.

Em 1897, Rosa Luxemburgo muda-se para Berlim para militar no partido Social-Democrata Alemão (SPD). Loureiro (1990) afirma que Rosa Luxemburgo ao chegar a Berlim encontra a SPD em um momento bastante difícil, onde é caracterizada pela imprensa burguesa de “crise do marxismo”, que se traduzia no revisionismo de Bernstein. Foi contra essa tendência reformista da SPD que Rosa Luxemburgo escreveu “Reforma Social ou revolução?”. Rosa percebe que a SPD

¹ Leo Jogiches era um revolucionário polonês, grande amor da vida de Rosa Luxemburgo. Iniciam um romance em 1891 que perdura até 1907. A relação entre Rosa e Leo é conturbada e forte. Mesmo após a separação continuaram com contato político constante. Após ser assassinada, Leo Jogiches empenhou em descobrir e denunciar todos dos culpados, porém foi brutalmente assassinado em 1919.

tem uma fraqueza teórica, inclusive na implantação do marxismo no partido alemão, sob domínio de políticos pragmáticos. Sendo assim, Rosa Luxemburgo passa a opor-se a esses políticos pragmáticos que dominam a SPD, sendo incompreendida pelas suas “posições intransigentes e inconformistas” (Loureiro,1990).

Isabel Loureiro (1990) afirma que Rosa saberia que nunca iria ser totalmente aceita no partido pelas seguintes razões,

[...] por ser mulher, judia polonesa e marxista de extrema esquerda. O que não a impede de lutar contra todas as posições que considera equivocadas. Sua linha de conduta é cristalina: permanecer livre acima de tudo, tanto do ponto de vista pessoal quanto político. (LOUREIRO,1990, p.15)

Rosa não se sentia à vontade em relação à “atmosfera pequeno-burguesa da socialdemocracia alemã”, segundo Loureiro. Rosa tinha um caráter inquieto, não se permitia usufruir da notoriedade que adquiriu, buscou por posições teóricas e políticas corretas. Entre os anos de 1904 a 1914, Rosa Luxemburg, durante a Bureau da Internacional Socialista (ISB) em Bruxelas, representou a SDKPiL. Ocorre que em 1904 é presa por dois meses acusada de ofender o imperador Guilherme II em um de seus artigos publicados.

Ocorre que em 1904, Rosa sofre uma mudança de orientação. Devido a sua participação no Congresso Socialista Internacional de Amsterdã faz com que reexamine “os objetivos e a estratégia de toda a esquerda marxista” segundo Loureiro(1990), isso porque durante o congresso, o revisionismo foi derrotado pelo marxismo ortodoxo. Enquanto estava presa, Rosa refletiu a respeito da problemática que envolvia o revisionismo e o marxismo ortodoxo, ao escrever dentro da prisão de Zwickau para Henriette Roland-Holst em 1904 dizendo que o papel em que o Marxismo ortodoxo representava “não me encanta nem um pouco”.² Segundo Loureiro (1990)

Rosa não tem como objetivo ser guardiã da ortodoxia. A nova proposta por ela elaborada centra-se na ideia de que apenas fortalecendo o lado revolucionário dentro da organização se poderá combater o oportunismo que toma conta das suas fileiras(LUXEMBURGO,1990, p. 16)

É neste mesmo ano que Rosa Luxemburgo publicou “Questões de organização da socialdemocracia russa”. Neste texto Rosa é contra o centralismo

² Carta a Henriette Roland-Host, de 17/12/1904. *Vive laluttel*, p. 193

excessivo de Lenin, ela acredita que a concepção centralizadora de Lenin controle o partido Russo. Acredita-se que o domínio de um movimento operário ainda jovem por uma burocracia centralizada nas mãos de intelectuais a sufocaria ou arruinaria todo o movimento.

No contato com as revoluções e com os movimentos que ocorriam na Rússia e na Polônia que deram a Rosa Luxemburgo a vigor e novas perspectivas. Ao comparar com as manifestações de São Petersburgo e Moscou percebe que a SPD encontra-se imobilizada. Ela e seu companheiro Leo Jogiches são novamente encarcerados em 1906, após viajar ilegalmente para Varsóvia, a fim de participar da revolução russa. Reclusa por quatro meses sendo ameaçada de execução, só saiu mediante fiança paga pela SPD. Nesse período escreveu “Greve de massas, partido e sindicatos”, ao retornar a Berlim defendeu fervorosamente a greve de massas, como uma nova tática revolucionária contra a estagnação do partido social-democracia na Alemanha.

Na publicação desse pequeno texto é que Rosa Luxemburgo dá sua primeira contribuição original à teoria marxista. Essa greve das massas, que segundo Loureiro (2011) “denominação que dá à greve geral, para se distinguir dos anarquistas”, é nela que a consciência de classe se articula em um momento objetivo, através das tendências desenvolvidas pelo capitalismo. Loureiro (2011) afirma que, a “greve de massas seria a perfeita tradução da dialética entre a organização e espontaneidade, política e econômica, ficando o elemento criativo do lado da espontaneidade das massas”. Neste texto Rosa mostra que a história da revolução russa se confunde com a história da greve de massas, isso porque para ela a greve de massas é uma ação revolucionária onde não há reivindicações notórias entre política e economia, e no caso da revolução russa há tanto reivindicações políticas e econômicas que se interagem em um movimento circular.

Segundo Rosa Luxemburgo (1981) “um ano de revolução deu ao proletariado russo essa ‘educação’ que trinta anos de lutas parlamentares e sindicais não podem dar artificialmente ao proletariado alemão”. Isto porque a consciência de classe é uma ação espontânea das massas do que da educação de um partido, mas isso não é uma exclusividade. De acordo com Loureiro (s/d), o mais importante na análise de Luxemburgo é que,

Os dois polos estão sempre presentes na análise, como momentos de uma mesma totalidade - as massas elementares, desorganizadas,

inconscientes ao entrarem espontaneamente em ação criam respostas inesperadas aos problemas postos pela conjuntura, respostas que nem a teoria, nem o partido haviam previsto. Só que o papel do partido, apesar de secundário nesta peça, não deixa de existir. O partido é de certa maneira o elemento introdutor da razão, é aquele que detém a teoria sobre o desenvolvimento do capitalismo (e sobre o conseqüente papel revolucionário do proletariado). (LOUREIRO, s/d, p. 46)

Em meados de 1910, Rosa rompe com o então companheiro de partido Kautsky. Loureiro (1990) afirma que Luxemburgo sentia desconforto em relação ao Kautskye que a aproximação que ocorreu foi pela necessidade de combater o revisionismo. Ocorre que Rosa jamais teve apreço por ele em questões de perspectiva teóricas. Percebe-se que “Kautsky é muito mais ideólogo que teórico e que seu marxismo é atravessado por um viés cientificista, positivista, substituindo a dialética pelo evolucionismo e interpretando o materialismo histórico sob ponto de vista do darwinismo social” (LOUREIRO, 1990, p. 17). O posicionamento de Rosa Luxemburgo é contrário ao de Kautsky e do partido, pois ansiava em manter a discussão sobre a greve de massas em que a direção do partido se opunha.

É neste período que Rosa percebe que há uma separação entre a ala esquerda e o restante do partido, pois a SPD passava por uma crise muito profunda, bem no momento em que a Alemanha passava por uma revolução. A relação entre Rosa Luxemburgo e Kautsky continua conturbada, ela se opõe a ele devido ao seu posicionamento em defender somente a luta parlamentar, cujo interesse era nas eleições de 1912 fazendo com que freasse as ações de massa.

Dos anos que vão de 1907 a 1914 Rosa Luxemburgo lecionou na escola do partido. Como professora usou os materiais do curso para escrever suas obras de *Economia Política: introdução à economia política* (2013) sendo publicado somente em 1925, e *A Acumulação De Capital*, publicado em 1913, sendo considerada uma das suas obras de maior visibilidade. Rosa, juntamente com mais seis companheiros de partido, em 1914, fundam o Grupo Internacional, mudando de nome em 1918 para Liga Spartakus.

Ressaltamos que durante esses sete anos, Rosa Luxemburgo teve romances com seus companheiros de partido. Ao romper com Leo Jogiches, inicia-se um romance com o filho de sua amiga Clara Zetkin, o relacionamento com Costia Zetkin se estende até 1912. Rosa teve um breve relacionamento com o advogado do partido, Paul Levi.

Presa entre 1915 a fevereiro de 1916, acusada de agitação antimilitarista, escreveu enquanto estava reclusa “A crise da social-democracia”, que fora publicado em abril de 1916. Retoma a prisão em julho de 1916 por militar contra a guerra. Rosa enquanto cumpria “prisão preventiva” escreveu uma nota crítica aos bolcheviques. Outra nota redigida enquanto ainda estava presa tem como título “A Revolução Russa”, fora publicada em 1922 por Paul Levi. Neste texto Rosa tanto critica quanto tenta compreender os bolcheviques.

Rosa foi libertada em 8 de novembro de 1918, no começo da revolução alemã. Toma a frente do jornal Die Rote Fahne, onde escreve artigos contra o governo social democrata na qual os acusa de sufocar a revolução. Poucos dias antes de ser assassinada Rosa, participou da fundação do Partido Comunista Alemão. Rosa tinha 48 anos quando foi brutalmente assassinada em 15 de janeiro com seu companheiro de partido Karl Liebknecht. Seu corpo foi encontrado no canal Landwehr quase irreconhecível, mais de quatro meses depois do assassinato. Os assassinos saíram impunes, após um julgamento considerado uma farsa.

2.2. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER OPERÁRIA

As conquistas das mulheres por seus direitos ainda são recentes, embora ainda sofra preconceitos e é tratada com desigualdade na sociedade. A luta pela igualdade de gênero não é hodierna. A partir dessa colocação, partiremos para premissa que na teoria marxista e no pensamento da mulher socialista como Rosa Luxemburgo, oferecem a nós materiais suficientes para pensarmos a condição da mulher na sociedade.

Rosa Luxemburgo foi uma grande militante na cultura socialista e na luta das mulheres por igualdade. Símbolo de coragem empreendeu a luta contra “os preconceitos arraigados na socialdemocracia alemã, onde às mulheres eram reservados outros assuntos “femininos” (LOUREIRO, 2005, p.25)”. Rosa não se conformava em ser limitada e subalterna aos seus companheiros de partido, sendo contra a qualquer forma de opressão tanto social quanto individual, assim iniciou “uma política partidária em pé de igualdade com os maiores teóricos do partido, não ficar numa posição subalterna” (LOUREIRO, 2005, p. 25)

A opressão da mulher tem suas raízes na propriedade privada e na divisão da sociedade em classes. Rosineide Fabricio(2017) explica como se estabelece essa opressão, que ocorre da seguinte forma:

O sistema de patriarcado acaba com o direito materno e garante ao homem o poder de domínio sobre a mulher. Em posse de sua propriedade o homem teve de transmitir a sua herança para seus descendentes, assim a família monogâmica irá garantir que esta necessidade seja colocada em prática. Desse modo o patriarcalismo se estabelece como a forma mais apropriada para que a humanidade perpetue sua reprodução na sociedade de classes. As relações de propriedade dividem a sociedade em classes, isto é entre homens e mulheres exploradores e homens e mulheres explorados. A intensidade e as consequências da opressão feminina, que submete inicialmente a todas as mulheres, são posteriormente intensificadas a depender da sua condição de classe, sendo a mulher da classe explorada muito mais oprimida. (FABRICIO, 2017,p. 2)

Ao decorrer do tempo, a sociedade de classes se desenvolve e o trabalho passa a ser hierarquizado. Dessa forma, algumas atividades/trabalhos são considerados melhores que os outros. A função humanizadora é substituída pela função exploradora, sendo assim a acumulação de bens. Com o avanço do capitalismo a mulher vê se obrigada a integrar ao trabalho exploratório. De acordo com Kollontai (1982) isso ocorre devido ao “baixo salário do marido, a demanda permanente, por parte do capital de mãos femininas baratas, lançam a mulher nos braços da produção capitalista” (KOLLONTAI, 1982, p. 26), sendo mais uma fonte de lucro para a burguesia industrial. A mulher proletária “involuntariamente” contribui duas vezes para o sistema capitalista, ora trabalhando na fábrica, ora em casa com afazeres domésticos, proporcionando um “bem-estar” ao marido que trabalha na mesma fábrica.

Essa contribuição é somente uma fachada para uma dupla exploração, uma ocorre dentro da fábrica, pelo patrão e outra pelo marido, como afirma Fabricio (2017) “uma dupla exploração do capital”. Ao comparar com a mulher camponesa Rosineide Fabrício afirma que a situação não se encontrava diferente da mulher operária, visto que a mesma exercia uma dupla atividade seja lavrando o solo e na criação dos animais, outra cuidando do lar. Porém, a exploração é maior que a mulher operária devido aos

Costumes atrasados submetiam as mulheres por completo na vida familiar, trazendo enormes vantagens para o latifúndio que muitas vezes utilizava a mão de obra barata de seu marido, pai, ou irmão, e seu trabalho gratuito em forma de afazeres domésticos e cultivo de alimentos para o auto sustento de sua família, que necessitava ser alimentada para desempenhar melhor seu trabalho. (FABRICIO, 2017, p.11)

Rosa Luxemburgo faz um traço da condição social da mulher perante o desenvolvimento da sociedade, a mesma afirma que a “mulher do povo teve de trabalhar desde sempre” (LUXEMBURGO, 2011, p.493). Outra distinção é feita entre a mulher proletária e a mulher burguesa, que segundo Rosa “como mulher burguesa, a mulher é um parasita da sociedade, sua função consiste apenas em auxiliar no consumo dos frutos da exploração. Como pequena burguesa ela é o animal de carga da família” (LUXEMBURGO, 2011, p.494). Porém, é somente na mulher operária moderna que “a mulher se torna um ser humano”.

Rosa em um momento crucial deixa bem claro que a burguesia não se interessa por direitos políticos, ora porque não contribui economicamente para sociedade, apenas usufrui daquilo que é feito a partir da dominação de classe. Rosa ironiza quando a mulher burguesa reivindica por igualdade de direitos femininos afirmando que é “mera ideologia de alguns grupos fracos, sem raízes materiais, um fantasma da oposição entre mulher e o homem, uma esquisitice” (LUXEMBURGO, 2011, p.494-495).

Ao contrário da mulher burguesa, a proletária necessita dos direitos políticos, que para Rosa Luxemburgo a mesma “exerce a mesma função econômica que o proletário masculino na sociedade, se sacrifica igualmente para o capital, mantém igualmente o Estado, é igualmente sugada e subjugada por ele” (LUXEMBURGO, 2011, p.495). A proletária partilha dos mesmos interesses que o proletário, e anseia por tê-los, não se baseia em uma oposição ao homem e sim, na relação entre o capital e a exploração.

Rosa em 1914 ao escrever “Die Proletarierin”, convida as mulheres proletárias a participar do Partido social-democrata, para lutarem pelos direitos na qual a classe dominante insiste em nega-las. Era preciso que as proletárias se infiltrassem de vez na vida política e assim criar levante para conseguir o que almejavam. No Partido social-democrata, a mulher proletária segundo Luxemburgo (2011) é tida com um “fator que se refere a igualdade de direitos”, e ali ela o tem, mesmo que a sociedade burguesa não a conceda. E assim juntamente com o homem a mulher trabalhadora conseguira abalar as estruturas da ordem social que vigora, deixando-o em ruínas. Neste mesmo texto Rosa convoca todas as proletárias a lutar pelos seus direitos.

Proletária, a mais pobre dos pobres, a mais injustiçada dos injustiçados, vá a luta pela libertação do gênero das mulheres e do gênero humano do horror da dominação do capital. A social-

democracia concedeu a você um lugar de honra. Corra para o front, para a trincheira. (LUXEMBURGO, 2011, p.496)

Na luta por seus direitos, as mulheres proletárias da Alemanha se uniram em torno da social-democracia cujas assinaturas chegavam a 100 mil. A principal pauta era o direito ao voto das mulheres. Rosa afirma que enganasse quem pensa que as mulheres mesmo sem uma igualdade política conseguiram avançar quanto na organização. Essa organização só se tornou possível porque as mesmas “tornaram parte ativa na vida política e nas lutas parlamentares de sua classe” (LUXEMBURGO,2011, p.444).

Esta participação ativa das mulheres nas assembleias da social-democracia durante os processos eleitorais é constante. Os capitalistas não conseguiram frear a lutas das mulheres por igualdade, pelo contrário, contribuiu para que elas pudessem se reunir e se associar. Mas o direito ao voto, o direito de eleger seus representantes isso o Estado não quis conceder as mulheres. Conseguir o direito ao voto é o objetivo não somente das mulheres, mas de todo o movimento do proletariado. Segundo Rosa Luxemburgo (2011) “o direito de voto das mulheres é, para o Estado capitalista atual, algo abominável e assustador, pois atrás dele está milhões de mulheres que fortaleceriam o seu inimigo interno, a socialdemocracia revolucionária” (LUXEMBURGO,2011, p.447).

O peso que as mulheres operárias vivenciaram para se sustentar era muito mais intenso que os homens da sua mesma classe, isto se deu devido aos graus de opressões vivenciadas pelo sistema econômico, o capitalismo. Com a Luta de classes no séc. XIX e XX alguns movimentos socialistas por toda a Europa, analisavam em suas pautas a inserção sobre a opressão feminina.

2.3. A QUESTÃO DA MULHER

Algumas sociedades - a exemplo das indígenas relação entre homens e mulheres são diferentes das relações estabelecidas em nossa sociedade. Segundo Moore (1981) há diferenças nos comportamentos e no status entre os pares, o que não há é subordinação da mulher em relação ao homem. Diferentemente do que ocorre na sociedade de classes. Peixoto apresenta uma visão de porquê ocorre a opressão da mulher, segundo ela

Os exemplos retirados da Europa Ocidental, vê-se que a mulher se encontra numa situação de subordinação ao homem e de

inferioridade social. Na sociedade escravista grega, por exemplo, a mulher não podia participar, juntamente com os escravos e estrangeiros, das reuniões em praça pública em que se decidia o destino político das cidades estado. Em outras palavras a mulher não podia participar da democracia grega, sendo considerada inferior. (PEIXOTO, 2006, p.104)

Não ocorre diferentemente da sociedade feudal na qual as mulheres não tinham direito a propriedades de terras. A igreja garantia que as mulheres não participassem, e segundo as suas doutrinas a mulher era inferior ao homem e assim lhe devia obediências. Peixoto (2006) nos diz que “tanto na sociedade escravista quanto na sociedade feudal, a mulher se encontrava distante do poder econômico e do poder político e isto gerava sua dependência e inferioridade em relação ao homem” (PEIXOTO, 2006, p.104 - 105).

Ocorre que na sociedade de classes a mulher se encontra presente em todas elas. A diferença entre a mulher das classes privilegiada e a da classe trabalhadora, é que a mulher burguesa não sofre tanta opressão quanto a mulher da classe trabalhadora. Porém, a opressão à mulher existe em todas as classes. A mulher operária era subjugada e oprimida dentro do ambiente de trabalho, pois exercia muitas vezes a mesma atividade que o homem e ganhava inferiormente a ele. Mesmo com as conquistas da Revolução industrial a mulher continuou sendo discriminada, a jornada fora diminuída para oito horas diárias, a remuneração continuou sendo inferior e a dupla jornada de trabalho ainda a submetia a opressão.

A mulher burguesa também é oprimida, em menor grau que a proletária. A sociedade coloca a mulher como uma indivíduo inferior, incapaz de ocupar um cargo público ou qualquer outro tipo de atividade. O que nós devemos perguntar é quando se iniciou a opressão da mulher, já que não é algo natural, pré-estabelecido. Peixoto (2006) nos dá uma breve resposta quanto ao início da opressão,

O surgimento da opressão da mulher coincide com a formação da sociedade de classes. Isto ocorre porque, com o surgimento das classes sociais, surge a necessidade do Estado, do poder político. O poder político era um dos aspectos fundamentais da sociedade escravista e da sociedade, onde o trabalho escravo e servil eram formas de trabalho compulsório, garantido pela força. Os membros da classe dominante que executavam este trabalho eram homens e não as mulheres, devido a suas condições físicas. Por isso, mesmo as mulheres integrantes da classe dominante eram subordinadas aos homens. (PEIXOTO 2016, p. 106)

A mulher da classe operária foi usada durante a revolução industrial para abaixar os salários através da competição entre seus pares. Logo após, fora considerada desnecessária ao trabalho, pois existiam homens no mercado que poderia executar seus trabalhos. Peixoto afirma que devido a esse afastamento das fábricas as mulheres “passaram a se restringir à vida doméstica, o que produz diversas formas de discriminação em relação a elas” (PEIXOTO, 2006 p. 107)

Não muito distante da mulher das classes privilegiada, a classe capitalista dividiu as funções na família, onde o homem era responsável por executar os “negócios” da família e a mulher a realizar os afazeres domésticos, destinada a cuidar do lar, isto ocorreu por herança, a classe capitalista adquiriu da sociedade anterior (feudal). Peixoto afirma que, “a mulher se encontra numa situação subordinada no campo político, profissional e cultural e isto reforça a discriminação contra ela” (PEIXOTO, 2006, p. 107).

CAPÍTULO III

A MULHER NOS TEXTOS DE ROSA LUXEMBURGO

Neste capítulo analisaremos duas obras de Rosa Luxemburgo que abordam a mulher. As obras selecionadas para análise são *A Proletária*³ e *Direito de voto das mulheres e luta de classes*⁴. Como afirmamos no segundo capítulo Rosa Luxemburgo foi uma grande mulher do seu tempo, lutou contra os preconceitos existentes em sua volta, lutou pelos direitos das mulheres, lutou pelas proletárias, lutou por uma sociedade sem opressão.

3.1. DIREITO DE VOTO DAS MULHERES E LUTA DE CLASSES

O primeiro texto que iremos analisar é o *Direito de voto das mulheres e lutas de classes*. Utilizamos esse mesmo texto no segundo capítulo, neste não buscaremos analisar somente a condição da mulher, mas sim a concepção de Rosa Luxemburgo sobre a mulher operária assim como a burguesa.

Rosa inicia este pequeno texto com uma citação de Emma Ihrer, uma das fundadoras do movimento das proletárias na Alemanha de 1898, questionando porque não haveria na Alemanha uma associação sobre as trabalhadoras ou porque não se ouve sobre seus movimentos? O que se parece é que após a publicação deste texto o movimento das mulheres aumentou significativamente. Segundo Rosa (2011) “mais de 150 mil trabalhadoras sindicalmente organizadas formam as tropas centrais do proletariado economicamente lutador”(LUXEMBURGO, 2011, p.443).

O movimento das trabalhadoras ansiava pelo direito ao voto às mulheres. Mesmo após quatorze anos a publicação as mulheres ainda eram privadas de direitos, mesmo participando ativamente da vida política, muitas vezes indiretamente, e também nas lutas parlamentares pertencentes a classe dos trabalhadores. A presença das mulheres quase sempre era maioria durante as assembleias, não é de se espantar tal atitude, pois mesmo que indiretamente, como afirmamos acima, só assim conseguiam adentrar na política pouco a pouco.

³ Título original: *Die Proletarierin*. Publicado originalmente em *Sozialdemokratische Korrespondenz*, n.27, 5 mar. De 1914.

⁴Título original: *Frauenwahlrecht und Klassenkampf*. Publicado originalmente em *Frauenwahlrecht*. Hrsg. Zum Zweiten Sozialdemokratischen Frauentag, por Clara Zetkin, 12 maio 1912.

Subjugada e negado o seu direito ao voto, o Estado garantia sua supremacia e suas vontades assim como seus privilégios. Garantir o direito a se associar ou se reunir era o mínimo que poderiam oferecer, pois o seu direito de verdade, lhes fora negada que era o de votar, como afirma Rosa (2001) que,

Apenas o último direito político, o direito de votar, de decidir de maneira direta sobre a representação popular nos corpos legislativos e administrativos e de fazer parte desses corpos como eleitas, apenas esse direito o estado não quer conceder às mulheres. Aqui, como em todos os outros domínios da vida social, isso significa: “Impeça o início!”(LUXEMBURGO, 2011, p.443).

O medo parece ter se fixado no Estado, isso porque o fez recuar diante as proletárias, por pressão da classe trabalhadora que cada vez estava maior, mas ainda não garantia o direito ao voto. O que o Estado fez foi de certa forma “alavancar” o “avanço turbulento das proletárias” permitindo o acesso delas nas reuniões políticas através do “segmento das mulheres”. De certa forma, isso encorajou as mulheres ainda mais na luta por direitos políticos. Segundo Luxemburgo (2011),

O progresso incontrolável da luta de classes proletária arrastou as mulheres para o meio do turbilhão da vida política. Graças ao aproveitamento do direito de associação e de reunião, as proletárias conquistaram para si a parte mais ativa na vida parlamentar, nas lutas eleitorais. (LUXEMBURGO, 2011, p.445).

Rosa sabia que era questão de pouco tempo até o estado conceder o direito ao voto as mulheres. Pois a mesma garantia esse direito por estarem “maduras” suficientes para exercer seus direitos e iria fazer o Estado se tornar consciente dessa maturidade. Foi através dos entusiasmos das mulheres proletárias que a socialdemocracia alemã conseguiu sua vitória com cerca de 4,25 milhões de votos. O que se espanta é que mesmo com o povo trabalhador ter direito ao voto garantido, ele teve que provar que é digno de tal, segundo Luxemburgo (2001) “o povo trabalhador sempre teve de provar sua maturidade para a liberdade política por meio de um movimento revolucionário de massas vitorioso” (LUXEMBURGO, 2011, p.445).

O movimento de massas não é somente pertencente às mulheres, os homens também estão presentes pelo direito de ambos. Rosa Luxemburgo (2011) afirma que a falta de direito às proletárias é “um resquício reacionário de condições tão antigas

e ultrapassadas”. O medo que cerca o Estado em garantir as mulheres o voto, é devido ao fortalecimento da social democracia alemã.

O que é intrigante no texto de Rosa, é a separação que ela faz das mulheres proletárias e das mulheres burguesas. As damas da burguesia, como assim se refere Rosa Luxemburgo, são como parasitas do capitalismo e defendem a todo o custo o seu “direito” de usufruir do fruto da dominação. Isto por que: “as mulheres das classes proprietárias sempre permanecerão defensoras fanáticas da exploração e da servidão do povo trabalhador, das quais recebem em segunda mão, os meios para sua existência socialmente inútil” (LUXEMBURGO, 2011, p.447). Elas não são uma camada autônoma como afirma a Rosa, sua existência se deve a função social que é garantir a reprodução da classe dominante.

Enquanto a mulher burguesa está condicionada aos afazeres domésticos, a mulher proletária também tem essa condição, porém contribui produtivamente para a sociedade da mesma forma que o homem. E uma abordagem totalmente necessária é feita por Luxemburgo ao mencionar o trabalho doméstico como improdutivo, ele não traz lucro, ele não engorda os bolsos dos capitalistas. E se faz necessário que as proletárias entendam que a forma como são exploradas brutalmente tanto na fábrica quanto em casa, já que este segundo nem mesmo produtivo é aos olhos do sistema econômico.

E durante a leitura do texto, uma frase deixa bem resumida o porquê as mulheres devem ter o direito ao voto assim como os homens de sua mesma classe, lembrando que não é uma disputa mulheres vs. homens e sim contra o explorado e explorador. Rosa (2011) afirma da seguinte forma:

Milhões de mulheres proletárias criam hoje o lucro capitalista na mesma medida que os homens – em fábricas, em oficinas, na agricultura, na indústria doméstica, em escritórios, em lojas. Portanto, elas são produtivas no mais estrito sentido científico da sociedade atual (LUXEMBURGO, 2011, p.448).

O que o capitalismo não sabe é que cada vez que ele progride, ele abre espaço para as mulheres tanto na produção quanto na conquista pelo direito ao voto. As proletárias possuem formação e inteligência para entender como se dá a vida política. Segundo Luxemburgo (2011) a partir da socialdemocracia a mulher do proletariado é “retirada do sufoco de sua existência estreita, da pobre banalidade e da pequenez de seu reino doméstico” (LUXEMBURGO, 2011, p.449) e as colocou para pensar e as influenciou na luta contra a opressão do Estado. Segundo Rosa a

ausência dos direitos políticos é uma injustiça contra as mulheres, pois elas participam em massa da vida política. E por fim, a luta das mulheres proletárias é apenas uma parcela da luta dos proletariados contra a exploração da burguesia.

3.2. A PROLETÁRIA

Este texto em especial, é o que me fez optar por falar da questão da mulher operária a partir da concepção de Rosa Luxemburgo. O texto é uma espécie de narrativa do que aconteceu na Semana da Socialdemocracia. Nele, Rosa Luxemburgo destaca o principal papel da mulher operária, é no front que a proletária reivindica seus direitos políticos, a ela é desencadeada a função de recrutar novas seguidoras para reivindicar pela classe proletária. A proletária é símbolo de luta, a ela devemos todo o mérito dos que as mulheres conquistaram hoje.

É sempre presente nos textos de Rosa, quando se refere a condição social da mulher fazer uma análise da mulher operária e a burguesa. Mas tenhamos outros olhares, não só o da comparação entre elas. A mulher burguesa adquiriu certo comodismo a sua condição, aceitou ser uma parasita assim como afirmamos, preferiu sugar daquilo que é explorado, e não é de forma direta, digamos que a mulher burguesa “come pelas beiradas” daquilo que o capitalismo explora.

Diferentemente da proletária, essa sim precisa dos seus direitos políticos, isso porque Rosa (2011) afirma que ela cumpre a mesmas funções econômica que o homem. Ela também é a base que mantém esse sistema econômico, este mesmo que a subjuga e a explora, este que não garante o seu direito pelo medo do que ele possa garantir. O direito ao voto às mulheres só será garantido através do movimento das mulheres operárias, se fixando totalmente na vida política seja diretamente ou indiretamente.

O partido Socialdemocrata ofereceu as mulheres proletárias o que o Estado as negou, a voz. Nele, a mulher cumpre seu papel, nela seus direitos são garantidos, é nesse partido que elas avançam contra a opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rosa Luxemburgo foi uma grande mulher, consideramo-la sempre a frente do seu tempo. Seus escritos são de suma importância para sociedade. Dotada de uma extrema coragem e profunda convicção de seus pensamentos. Enfrentou “preconceitos” por ser mulher, por ser judia e principalmente marxista. Uma grande revolucionaria, passou por grandes momentos da história e escreveu sobre eles. Defendeu uma política antimilitarista e revolucionaria.

É a partir de seus escritos sobre a mulher que este trabalho caminhou. A problematização surgiu a partir das leituras feitas, de como se apresenta a concepção de Rosa Luxemburgo sobre a questão da mulher? Como respostas obtiveram êxito, pois ao analisarmos as fontes percebemos que Rosa Luxemburgo não se absteve dos problemas sociais, das diferenças e das injustiças cometidas as mulheres. Pelo contrário ela incentivara para que as mesmas lutassem por seus direitos, para que fossem ouvidas e respeitadas. Um grande exemplo é a si mesmo, que durante sua trajetória política enfrentou dificuldades por ser mulher.

Vimos que entre a ideologia e a teoria, Rosa Luxemburgo se encaixa como uma teórica acerca do tema. Ela comprovou sua concepção sobre a mulher, primeiramente sobre a operária na qual ansiava por direitos e igualdades e o Estado as negava.

Analisamos dois textos escritos por Rosa Luxemburgo, onde apresenta sua concepção sobre as mulheres, sobre as operárias. Percebemos que ela esteve sempre preocupada com o gênero. O primeiro texto apresentado foi DIREITO DE VOTO DAS MULHERES E LUTA DE CLASSES e o segundo, A PROLETÁRIA. Nesses dois textos apresentamos a visão de Rosa a respeito das desigualdades sofridas pelas mulheres durante o século XX, tais como: salário inferior ao sexo masculino, negação ao direito de votar, dupla jornada de trabalho entre outras. Rosa escreveu sobre cada um desses problemas, apresentou, digamos assim, uma solução para que pudesse ser resolvida.

O entendimento que tivemos é que, a igualdade só viria se todos unissem para um bem comum, reivindicassem seus direitos, pois não eram indiferentes ao sexo oposto. Vejamos, Rosa nos diz que o problema da desigualdade não é uma “rixa” entre homens e mulheres e sim, explorados e exploradores, isso significa que é o capitalismo, o sistema de exploração que produz a desigualdade. Utilizamos como metodologia, o materialismo histórico outro fator que potencializou este

trabalho para que pudesse ser desenvolvido. Pois a partir dele obtivemos os resultados esperados.

Fizemos no primeiro capítulo uma abordagem entre a teoria e a ideologia, para que assim pudéssemos compreender as obras de Rosa Luxemburgo. O segundo capítulo abordamos a trajetória política de Rosa Luxemburgo assim como sua biografia. E por fim o terceiro capítulo foi analisado suas obras nas quais citamos acima, na qual foi de suma importância para compreendermos qual era sua concepção sobre a mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia**. 1980. São Paulo, Brasil.

EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FABRÍCIO, Rosineide. **A mulher operária e camponesa e sua emancipação como obra da revolução proletária**. ANAIS DA XIV JORNADA DO HISTEDBR: Pedagogia Histórico-Crítica, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa. UNIOESTE – FOZ DO IGUAÇU-PR. ISSN: 2177-8892

KOLLONTAI, A. **Marxismo e Revolução Sexual**. São Paulo: Global Editora, 1982.

LOUREIRO, Isabel Maria. **Rosa Luxemburgo: Vida e obra**. São Paulo: Expressão popular, 2015.

LOUREIRO, Isabel. **Democracia e socialismo em Rosa Luxemburgo**. Revista marxista, 1995.

LOUREIRO, Isabel (org.). **Rosa Luxemburgo Textos escolhidos, vol. I (1899-1914) Textos escolhidos, vol. II (1914-1919); Cartas, vol. III**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.35, 2012, p.171-173.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Revolução Russa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

LUXEMBURGO, Rosa. **O que quer a liga Spartacus?** In: LOUREIRO, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo: vida e obra*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2005.

MOORE, H. **Antropologia e Feminismo**. Madrid, Ediciones Cátedra, 1981

Marques, Edmilson; Peixoto, Maria Angélica; (org), Nildo Viana e Pinheiro, Veralúcia. **A questão da Mulher – Opressão, Trabalho e Violência**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.

PEIXOTO, Maria Angélica. **Movimento Operário e lutas femininas**. A questão da Mulher – Opressão, Trabalho e Violência. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna Ltda., 2006.

VIANA, Nildo. **CÉREBRO E IDEOLOGIA: Uma crítica ao determinismo cerebral**. Jundiaí, Paco Editorial: 2010. 108 p.